

Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich

*Claudio de Oliveira Ribeiro**

Sinopse

A teologia das religiões tem alcançado um desenvolvimento significativo. Neste contexto, o diálogo com Paul Tillich (1886-1965) oferece contribuições substanciais como a valorização da história da religiões; a elaboração teológica que pressupõe uma revelação universal de Deus nas mais diversas experiências religiosas; e a necessidade de crítica à dimensão sacramentalista da religião, inclusive o cristianismo. Um dos aspectos básicos para análise é a consideração de uma preocupação última e suprema em todas as religiões, advinda de uma presença espiritual do "Santo" na vida humana. Outro aspecto é a afirmação de Jesus, o Cristo, como critério de salvação do ser humano, por um lado, e a impossibilidade de auto-salvação por parte deste ser humano, por outro.

Palavras-chave: Paul Tillich; Diálogo Inter-Religioso; Salvação.

Abstract

Theology of religions has achieved a strong development. In this context, the dialogue with Paul Tillich offers deep contributions such as the valuation of the history of religions; a theological approach based on a universal revelation of God within the different religious experiences; and the need of criticism towards the sacramentalist dimension of religion, including Christianity. One of the basic aspects to be analyzed is the the idea of Ultimate Concern found in all religions, a concern which comes from a spiritual presence of the "Holy" in

* Mestre em Teologia (PUC-RJ) e professor de Teologia Sistemática e Teologia Latino-Americana no Instituto Metodista Bennett, Rio de Janeiro-RJ.

human life. The other is the affirmation of Jesus Christ as the criterion of salvation of the human being, on the one hand, and the impossibility of self-salvation of this same human being, on the other.

Key Words: Paul Tillich; Interreligious Dialogue; Salvation.

O debate teológico sobre as religiões, que ganha substancialidade sobretudo no final do milênio, pode encontrar na produção teológica de Paul Tillich singular contribuição. Paul Tillich (1886-1965) foi um dos mais destacados teólogos deste século e sua produção teológica e filosófica tem sido objeto de estudos de pessoas renomadas nos campos protestante e católico. A envergadura com a qual Tillich estabeleceu o diálogo com as ciências é motivação suficiente para atestar sua atualidade, assim como para recriar os referenciais que produziu tendo em vista uma ampliação de horizontes da teologia latino-americana.¹

Tillich, como se sabe, ampliou o debate da teologia com as ciências sem comprometer estas duas esferas. Dialogou com a sociologia, com a filosofia, com a política, com a história e a com a psicanálise, além de outros campos como o das artes. Talvez, por manter este leque considerável de debates, a produção teológica de Tillich fugiu de reducionismos e de pragmatismos. Daí, a relevância de sua contribuição, por um lado, para a teologia latino-americana neste momento crucial em que ela vive² e, por outro, para a teologia das religiões.

Quanto ao último aspecto, há demonstrações relevantes da parte de Tillich. A primeira foi a elaboração, em conjunto com Mircea Eláde, de “um tipo de teologia fundamentada na revelação universal de Deus na história das religiões” que, todavia, é “purificada pelo evento do cristianismo enquanto religião particular”.³ Outra, foi o desejo de Tillich, já no final de sua vida, em interpretar sua teologia sistemática a partir da história das religiões.⁴

1 Anteriormente indicado em Cláudio de Oliveira RIBEIRO, Paul Tillich e a teologia latino-americana; e Teologia e ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. [Para referências bibliográficas completas destes e dos demais títulos, cf. as Referências bibliográficas no final do artigo].

2 Veja os posicionamentos críticos de Jung Mo SUNG, *Teologia e economia*; e de Hugo ASSMANN, *Teologia da solidariedade e da cidadania*.

3 Carl BRAATEN, Paul Tillich e a tradição cristã, p. 27.

4 Cf. Paul TILLICH, *The future of religions*.

É oportuno afirmar que o contexto da produção deste teólogo fazia ressaltar uma preocupação central com a crítica “atéia” da religião, em especial a partir do existencialismo, do freudianismo e do marxismo. No contexto atual, o pensamento cristão necessita, além de pressupor os referidos questionamentos, debruçar-se nas questões que emergem com a explosão religiosa no mundo inteiro. Trata-se da difícil passagem interpretativa da modernidade para a pós-modernidade.⁵

Paul Tillich ofereceu, com sua teologia da cultura, um testemunho da natureza não-totalitária do cristianismo. Neste sentido, sua teologia encontra-se em sintonia com a contribuição, no contexto católico romano, de Karl Rahner e do Concílio Vaticano II para a teologia das religiões. Tillich fez a crítica⁶ ao absolutismo eclesiocêntrico da Igreja Católica Romana e à perspectiva exclusivista de Karl Barth, no contexto teológico protestante. Não obstante, questionou o modelo inclusivista, ao indicar a necessidade de se ressaltar o caráter absoluto do cristianismo como uma religião histórica. Tillich destacou, ao mesmo tempo, a importância do caráter normativo da cristologia para a teologia das religiões. Dessa forma, não se pode confundir o caráter particular do cristianismo como uma religião histórica com o caráter particular de Cristo como mediador do absoluto na história.⁷

Para desenvolver estas perspectivas, Tillich reflete sobre o paradoxo do cristianismo baseado na “Palavra que se fez carne”, e em sua situação, igualmente paradoxal, como religião de revelação final. Por último, a concepção teológica da preocupação última e suprema (*ultimate concern*), como o critério de encontro entre religiões. Esta é a primeira parte deste trabalho e terá como base a histórica apresentação do autor, intitulada “O significado da história das religiões para um teólogo sistemático”, realizada dias antes de seu falecimento (1965).⁸

O ponto culminante destes debates é a questão salvífica. Ela é crucial para o diálogo inter-religioso, assim como para uma teologia das religiões. A temática da salvação, de fato, mobiliza intensa-

5 Cf. Claude GEFFRÉ, Paul Tillich and the future of interreligious ecumenism, p. 268.

6 Cf. tipologias apresentadas por diferentes estudiosos do assunto, em especial por Jacques DUPUIS, O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso.

7 Cf. GEFFRÉ, Paul Tillich and the future..., p. 271.

8 TILLICH, *The future of religions*, p. 80-94.

mente os debates teológicos e pastorais. Assim como outros aspectos da teologia sistemática, esse tema tem sofrido fortes questionamentos de diferentes procedências e intenções. Um dos mais destacados pólos de crítica surge dos ambientes que têm privilegiado o diálogo inter-religioso e a discussão teológica em torno das conseqüências e dos desdobramentos destas reflexões.⁹

Soma-se a isso, no Brasil, o amplo debate sobre a relação entre evangelização e culturas, já presente no campo da pastoral popular com a realização do encontro de Comunidades Eclesiais de Base (Santa Maria-RS, 1992) sob o tema “Evangelização e Culturas Oprimidas” e que se intensificou com as discussões em torno do mesmo pólo “Evangelho e Culturas” da Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização organizada pelo Conselho Mundial de Igrejas (Salvador-BA, 1996). Algumas indicações sobre a temática da salvação, portanto, estão apresentadas na segunda parte deste texto; e a base, além da pressuposição do texto de Tillich anteriormente referido, encontra-se em um fragmento de sua *Teologia Sistemática*: “O Novo Ser em Jesus, o Cristo, como poder de salvação” (1963).¹⁰

1 A dimensão do diálogo

Tillich apresenta cinco pressuposições sistemáticas para a abordagem teológica das religiões. A primeira é que as experiências de revelação são universalmente humanas. As religiões são firmadas sobre algo que é dado para o ser humano onde quer que ele viva. A ele é dada uma revelação, um tipo particular de experiência o qual sempre implica um poder salvífico. Revelação e salvação são inseparáveis, e há poder de revelação e de salvação em todas as religiões.

O segundo aspecto é que a revelação é recebida pelo ser humano, nas condições de caráter alienado que possui e na situação humana finita e limitada. A revelação é sempre recebi-

9 Para uma visão de conjunto cf. as obras de Faustino Luiz Couto TEIXEIRA, *Teologia das Religiões: uma visão panorâmica*; Id. (org.), *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. Ambas contêm vastas indicações bibliográficas sobre o assunto. Cf. tb. os artigos de Mário de França MIRANDA, *O encontro das religiões; A configuração do Cristianismo num contexto pluri-religioso; e Diálogo inter-religioso e fé cristã*.

10 TILlich, *Teologia sistemática*, p. 371-83.

da em uma forma distorcida, especialmente se a religião é usada como “meio para um fim” e não como um fim em si mesma.

Em toda a história humana, não há somente experiências revelatórias particulares, mas há um processo revelatório no qual os limites de adaptação e as deficiências de distorção são sujeitas à crítica, seja mística, profética ou secular. Este é o terceiro pressuposto.

O quarto, é que há um evento central na história das religiões que une os resultados positivos desta crítica e que nele e sob ele as experiências revelatórias acontecem. Um evento, portanto, que faz possível uma teologia concreta com um significado universal.

O último pressuposto é que a história das religiões, em sua natureza essencial, não existe ao lado da história da cultura. O sagrado não está ao lado do secular, mas ele é a sua profundidade. O sagrado é o chão criativo e ao mesmo tempo um juízo crítico do secular.

Com estes pressupostos, Tillich oferece indicações para uma teologia das religiões, entre as quais, três estão a seguir. A compreensão do autor é que esta teologia reúne uma crítica e uma valorização positiva da revelação universal. Ambas são necessárias. A teologia das religiões, na visão de Tillich, ajuda os teólogos sistemáticos a entenderem o presente momento e a natureza do próprio lugar histórico do fazer teológico, tanto no caráter particular do cristianismo como a reivindicação de universalidade deste.¹¹

1.1 “A Palavra se fez carne”

O caráter paradoxal do cristianismo origina-se no paradoxo “a Palavra se fez carne”. Compreende-se o significado da expressão paradoxo no fato de um evento transcender todas as expectativas e possibilidades humanas. Esta é a perspectiva de Tillich sobre a encarnação.

A função essencial de Cristo como o Novo Ser é salvar a humanidade de sua alienação e renovar o universo. É em Jesus, confessado como o Cristo, que o Novo Ser, o qual é o princípio da transformação de toda a existência histórica e da reno-

11 *Id.*, *The Future of Religions*, p. 81-4.

vação da criação, é manifestado. Ao mesmo tempo, é o Novo Ser em Jesus, como o Cristo, que constitui a norma material da Teologia Sistemática.¹² Neste sentido, Tillich, mais do que se situar na perspectiva da justificação pela fé (como fez Lutero), orienta sua teologia na perspectiva da nova criação - o que, mais uma vez, abre perspectivas para o diálogo.

Tillich não estimula a eliminação do paradoxo cristológico para o benefício de um maior teocentrismo ecumênico. Ao contrário, é precisamente na confissão de Jesus ser o Cristo é que há a chance de assegurar para o cristianismo o diálogo não-autoritário. Há uma particularidade (Jesus) conectada a uma universalidade (Cristo) que mantém o cristianismo como religião singular, na medida em que atesta a revelação final. Esta revelação é inseparável do mistério da morte e da ressurreição. O significado último desta revelação, firmado na doutrina de Cristo como o Novo Ser, é encontrado na cruz.

A particularidade singular e relativa do Cristianismo é possibilitada pela cruz. Ela é a condição da glória. A cruz tem um valor simbólico universal uma vez que o Cristo ressurreto livra a pessoa de Jesus de um particularismo o qual faria dele propriedade de um povo particular.

O cristianismo é baseado, portanto, em uma ausência (o túmulo vazio). E é essa consciência do vazio que oferece condições para o relacionamento com o outro. Neste sentido, o diálogo com outras religiões é uma vocação cristã.¹³

1.2 O paradoxo do cristianismo como a religião da revelação final

Realização histórica alguma constitui a essência do cristianismo. Este é essencialmente um protesto contra um conceito histórico de essência. Isto quer dizer que a essência do cristianismo não coincide com qualquer de suas realizações históricas e que ela pode ser encontrada em outras religiões que não o cristianismo.

Neste sentido, há historicamente uma tensão entre a verdade do cristianismo e a superioridade do mesmo. O paradoxo con-

¹² Id., Teologia sistemática, p. 49.

¹³ Cf. GEFFRÉ, Paul Tillich and the future..., p. 273-75.

siste na declaração que o cristianismo como religião da revelação final nega o clamor de incondicionalidade por parte de qualquer religião particular, a começar pelo próprio cristianismo. Trata-se de uma preocupação última que possibilita a distinção entre a essência da revelação e a forma concreta e histórica desta.

O paradoxo da perfeita revelação consiste no fato que ela precisa reconciliar em seu interior os elementos de realização concreta e o perturbador protesto que nega esta realização. O que dificulta o diálogo inter-religioso é que cada religião quer possuir a revelação final, a revelação do Absoluto. Todavia, a missão da igreja, ao contrário, não é converter as pessoas para a própria igreja e sim para a natureza incondicional da revelação final. Na superação desta tensão encontram-se possibilidades de aproximação e de diálogo entre as religiões.

Tillich indica que as experiências revelatórias em todas as religiões são participações fragmentárias na unidade transcendente da vida sem ambigüidades.¹⁴ Isto se encontra, sobretudo, na terceira parte da *Teologia Sistemática*, em especial, no conceito de Comunidade Espiritual latente e manifesta, os quais relativizam a identificação destes com as igrejas cristãs.¹⁵

1.3 A religião como preocupação última

A base religiosa universal é a experiência do Santo dentro do finito. O Santo, como realidade teológica e espiritual fundamental, surge nas coisas finitas e particulares, tanto nas concretas como nas universais. Ele é a base sacramental de todas as religiões. Pode ser visto e ouvido “aqui e agora”, não obstante o seu caráter misterioso. A experiência do Santo, como vivência do “*ultimate concern*” é a convergência de todas as religiões e permite um critério comum para o diálogo inter-religioso.¹⁶

Todavia, a base sacramental do que é Santo e último está sujeita, por sua finitude, - como se referiu Tillich - à demonização. Surge a mística, como movimento crítico, como um “para além

14 Ibid., p. 277-80.

15 TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 501-03. Cf. O conceito de ‘comunidade espiritual’ de Paul Tillich e a renovação eclesial latino-americana; Id., Para repensar a prática das igrejas: uma contribuição sistemática de Paul Tillich.

16 Cf. GEFFRÉ, Paul Tillich and the future..., p. 281-85.

de”, como uma insatisfação com as expressões concretas do Último, do Santo. Este está além de qualquer corporificação. A concretização da experiência última é aceitável, mas possui caráter e valor secundários. Há uma reserva religiosa ao concreto, que evita o sacramentalismo.

Há um terceiro elemento da experiência religiosa que é o profético. Com ele, a dimensão sacramental é criticada em função das conseqüências demoníacas, como a negação da justiça em nome da santidade. Trata-se do elemento ético, daquilo “que deve ser”, da obrigação religiosa ao concreto, que evita o espiritualismo. No entanto, sem as dimensões sacramental e mística, a experiência religiosa torna-se moralismo e seculariza-se.

A relação positiva e negativa destes elementos possibilita, à história das religiões, o caráter dinâmico; a todas as religiões, um *telos* interior, uma preocupação última. Mesmo com reservas à nomenclatura, Tillich sintetizou esta perspectiva como a “Religião do Espírito Concreto”. Esta, não pode ser jamais identificada com qualquer religião, nem mesmo com o Cristianismo, mas está, fragmentariamente, no centro da direção e da orientação de todas as coisas.

No processo de concretização da experiência religiosa, as críticas mística e profética geram, ao fim, um secularismo. Todavia, este não se sustenta por si mesmo, uma vez que não possui um sentido maior e último. Por isso, surge uma nova teonomia, ainda que fragmentariamente. É neste processo que vivem as religiões.¹⁷

2 - A dimensão da salvação¹⁸

A vocação ecumênica, ao marcar as reflexões teológicas e pastorais, indica que o caráter de apologia, de sectarismo ou de exclusivismo são ou devem ser evitados. Deus é sempre maior do que qualquer compreensão ou realidade humana. Age livremente, em especial na ação salvífica. Nesse sentido, não é preciso estar excessivamente preocupado em descobrir quem é ou será salvo (para utilizar o imaginário-comum dos cristãos), mas quem é e o que representa Jesus Cristo para a comunidade cristã.

¹⁷ Cf. TILLICH, *The future of religions*, p. 86-90.

¹⁸ Apresentei inicialmente essas idéias em RIBEIRO, Fé cristã e salvação: primeiras reflexões.

Estas duas constatações foram feitas para explicitar melhor um ponto de partida: o pecado humano e a superação dele em Jesus, o Cristo, como poder de salvação. Trata-se, sobretudo, da salvação do ser humano em sua “negatividade última”, como nos indicou Paul Tillich.¹⁹ É salvar o humano de sua exclusão da unidade universal do reino de Deus e assim possibilitar-lhe a vida eterna.

Isto se refere a uma das questões centrais das reflexões cristológicas e/ou soteriológicas atuais: tratar da salvação a partir do pecado humano.²⁰ E mais do que isso: ressaltar o poder de Jesus Cristo como salvador dos pecados de toda a humanidade. A suposta pretensão destas afirmações já indica a densidade do debate. Todavia, como já referido, a reflexão que privilegia a centralidade da pessoa de Jesus Cristo em relação à salvação humana não deve inibir o diálogo teológico inter-religioso, mas na medida em que elucida mais adequadamente a Cristo, como símbolo da sujeição e ao mesmo tempo da vitória sobre a existência humana, pode então se constituir como um critério paradigmático de uma teologia mais universalista.²¹

Nesta perspectiva, dois aspectos fundamentais para esta reflexão são apresentados por Tillich. Em primeiro lugar a afirmação de Jesus, o Cristo, como critério último de todo processo salvífico. O segundo trata da justificação que elimina qualquer tentativa de auto-salvação por parte do ser humano.

19 Cf. TILlich, *Teologia sistemática*, p. 371.

20 Jaci MARASCHIN, A linguagem ontológico-existencialista de Tillich, situa que “esse ponto de partida tem caracterizado todas as teologias ortodoxas e tradicionais. Na escolha desse lugar teológico fundamental Tillich está longe de inovar. A teologia da Queda e do Pecado Original tem sido utilizada para acentuar o que se poderia chamar de ‘experiência de culpa’ e a conseqüente valorização do ministério do perdão. Tem havido e há, no entanto, movimentos que preferem não partir desse ponto, mas da ‘bênção original’, retirando das descrições da existência o pessimismo que a mitologia da queda e do pecado original ressalta. É o conhecido caso de Matthew Fox com sua teologia mais otimista expressa em obras como *Original blessing - a primer in Creation Spirituality* e *The coming of the Cosmic Christ*”.

21 Em plano semelhante estão as indicações de Marcelo Azevedo, ap. TEIXEIRA (org.), *Diálogo de pássaros*, p. 18: “O diálogo supõe que cada um dos parceiros seja ele mesmo e como tal se manifeste e seja acolhido. Seu fruto principal é a percepção da diferença entre ambos e, por conseguinte, a intuição mais aguda das respectivas identidades. Ao conhecer melhor o outro, cada um se conhece melhor a si. O que poderia parecer um fator que aprofunda a discrepância e alarga a distância torna-se caminho privilegiado de uma nova perspectiva.”

2.1 O Cristo como Salvador

A pressuposição de Jesus Cristo como poder de salvação dos pecados está no caráter da revelação divina. Não se trata de um tipo de informação a respeito da realidade divina ou de mera comunicação extraordinária. Trata-se de um impacto, de uma consonância de sentimentos, existencialidades e espíritos, de um encontro fundamental baseado num despojamento divino. Ou, nas palavras de Tillich, “a manifestação extática do Fundamento do Ser em eventos, pessoas e coisas”²² Assim, compreende-se a revelação.

Essa manifestação privilegia a humanidade. Deus se sujeita a ela; quer ser humano. Ao assumir a existência humana, Deus recupera as questões da vida e da morte. Da vida, porque é criador e misericordioso. Da morte, porque é humano. Ser humano é participar da alienação na qual a criação foi submetida.

A reflexão e a tensão entre a vida e a morte produzem, ao menos, duas interpelações. A primeira é que a fé cristã, como indicou José Comblin, não pertence, fundamentalmente, à ordem do conhecimento e da representação política ou eclesial, mas sim, da vida, em seu sentido amplo e radical.²³

A segunda interpelação teológica é que toda e qualquer teologia que ocultar as estruturas autodestrutivas da existência humana poderá ocultar Deus. Este foi o caminho altamente perigoso por onde caminharam as teologias liberais, não obstante a substancial contribuição destas para a comunicação da mensagem cristã ao mundo moderno. O mesmo pode ocorrer com setores da teologia da libertação latino-americana, uma vez que a concepção do progresso humano, ainda que de corte não cientificista, corrobora com propostas exacerbadamente centradas no êxito humano, na tentativa de se privilegiar a humanidade de Deus. No entanto, a humanidade de Deus se manifestou fundamentalmente no fracasso humano, ou seja, na morte de cruz. Daí, a importância de se refletir sobre o evento da cruz e a salvação da humanidade.²⁴

22 TILICH, *Teologia sistemática*, p. 372.

23 José COMBLIN, O debate atual sobre o universalismo cristão, p. 81: “Ser cristão não é revestir-se de um conjunto de conhecimentos ou de estruturas. É viver, libertar-se do que não é vida, para viver plenamente. Jesus se define assim: a vida, o caminho, a porta, o pão, a luz. Ele dá a vida, a saúde, o dinamismo, atira à ação. Não se trata simplesmente da vida biológica, nem tampouco de uma realidade estranha à vida biológica: trata-se desse tônus vital que é parte da responsabilidade de cada um na sua intensidade de vida.”

24 Cf. TILICH, *The future of religions*, p. 89.

As implicações sociopolíticas e religiosas das práticas proféticas de Jesus, tal como testemunharam as comunidades cristãs primitivas, evidenciam com determinada lógica histórica que o final invariavelmente seria a morte. O olhar teológico liberal, seja do século passado ou em seus resquícios atuais, colocaria Jesus entre os grandes profetas, como exemplo de conduta ética a ser seguido. Por outro lado, o olhar teológico fundamentalista observaria que esse era de fato o propósito premeditado de Jesus e afirmaria que não há salvação fora dele. Todavia, tais respostas não atendem substancialmente à indagação de sentido da morte de Jesus como ato salvador dos pecados humanos. No primeiro caso, a salvação nem está em questão, ela poderá vir naturalmente ou engendrada a partir de processos intra-históricos. No segundo, está a contradição evidente do deus cruel, sanguinário e até mesmo sadomasoquista.

A formação do sentido da salvação começa na ausência dele na humanidade. A vida humana depende, como indicou Paul Tillich, de “forças curadoras” que impeçam que as estruturas autodestrutivas da existência mergulhem na humanidade a ponto de provocar uma aniquilação completa.²⁵ A revelação de Deus encontra ressonância nessa busca humana. Daí a compreensão de salvação como cura, pois ao encarnar-se, Deus reúne aquilo que está alienado e disperso. Trata-se de superar o abismo entre Deus e o ser humano, e entre o ser humano consigo mesmo, com o seu próximo e com a natureza.

A consciência religiosa, como preocupação última, afirma sempre a transcendência incondicional ao lado da concretude que torna possível o encontro humano-divino. Neste sentido, o processo de salvação só é possível com uma mediação. Jesus Cristo “representa Deus junto aos homens, e os homens junto a Deus”, afirma Tillich.²⁶

Em Jesus Cristo foi possível o acesso do ser humano a Deus, na medida em que ele reuniu o infinito da transcendência

25 *Ibid.*, *Teologia sistemática*, p. 372.

26 *Ibid.*, p. 374. No debate em torno das religiões, Jacques DUPUIS, O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso, p. 83-4, indica: “Na realidade, o cristocentrismo da tradição cristã não se opõe ao teocentrismo. Não coloca jamais Jesus no lugar de Deus; afirma somente que Deus colocou-o no centro de seu plano de salvação para a humanidade, não como fim último, mas como caminho, não como a meta de toda a busca humana de Deus, mas como mediador universal da ação salvadora de Deus para com a

com a finitude humana. Em Jesus Cristo foi experimentada a vontade reconciliadora de Deus por excelência. Esses dois aspectos identificam Cristo como mediador por intermédio de quem Deus age salvificamente em favor da humanidade.

A superação da ambigüidade humana encontra resposta na tensão vivida por Jesus Cristo entre as forças curadoras (nele reconhecidas) e as estruturas autodestrutivas da existência humana (nas quais ele participou). Por isso o critério da salvação encontra-se em Jesus, o Cristo, uma vez que sua vida não oculta a limitação humana (objetiva) ao revelar a possibilidade da morte a ser assumida (subjetivamente) pelos seres humanos e, ao mesmo tempo, possibilita a estes a participação (subjetiva) no poder de Deus ao vivenciarem a superação da morte (objetivamente) com o sentido da salvação.

Essa perspectiva de Tillich o remete à busca de um novo paradigma para a teologia das religiões. Trata-se da superação dos modelos do exclusivismo (que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho necessário para a salvação), do inclusivismo (que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente) e do pluralismo (onde Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto que para os outros o caminho é a sua própria tradição).

2.2 A impossibilidade de auto-salvação do ser humano

A explosão mística e religiosa verificada no final deste milênio em diferentes países e contextos socioculturais revela, entre outros aspectos, um esgarçamento da razão moderna como doadora de sentido para a humanidade. Ao mesmo tempo, as implicações mais profundas da falência dos projetos utópicos globais impelem contingentes expressivos da população, diferenciados nos mais diversos níveis sociais e culturais, a buscarem formas intimistas e privatizadas de expressão religiosa e de salvação.²⁷

humanidade. A teologia cristã não se encontra, então, face a um dilema: ser cristocêntrica ou teocêntrica. Ela é teocêntrica sendo cristocêntrica e vice-versa. Isto quer dizer que Jesus Cristo é o sacramento do encontro de Deus com os homens".

27 Para uma visão geral, veja as seguintes obras: VV. AA., *Interfaces do sagrado: em véspera de milênio*; Marcio Fabri dos ANJOS (org.), *Teologia e novos paradigmas*; VVAA., *Novos paradigmas*; Alberto MOREIRA, René ZICMAN (orgs.), *Misticismo e novas religiões*.

Em boa parte delas encontram-se mecanismos de auto-salvação extraídos de tradições religiosas e místicas, mesmo que estas, em suas constituições teóricas e conteúdos, não apresentem base para isso. Há uma forte e peculiar combinação de valores filosóficos, religiosos e éticos que favorecem a crença na bondade do ser humano e em sua capacidade de evolução.²⁸

O pressuposto da concepção de salvação com o qual têm-se trabalhado até aqui é outro. O ser humano é justificado. A justificação introduz um “apesar de” no processo de salvação.²⁹ Apesar das ambigüidades e das limitações, o ser humano é aceito por Deus (graça) - e este também aceita esta situação (fé) - na medida em que se abre, reconhece seu caráter de alienação e de pecado e deixa de olhar a si mesmo em sua condição autodestrutiva, valorizando o ato salvífico e justificador de Deus.

O reconhecimento do pecado faz com que o ser humano vislumbre a graça de Deus. Isso elimina a possibilidade, conforme indicou Juan Luis Segundo, de que o receio humano ao pecado transforme-se em angústia, falta de fé e falsa religiosidade. A ação criadora do ser humano é dom de Deus e objetivo da Criação, mas “é sempre uma mistura do amor com egoísmo e o pecado”. Nesse sentido, a impossibilidade de auto-salvação do ser humano não se converte em inércia ou despreocupação social.³⁰

Esta participação na graça (regeneração) e aceitação do amor de Deus pela fé (justificação) gera um novo estado de ser, uma transformação (santificação). Assim se caracteriza, para Tillich, o caráter tríplice da salvação.³¹

O aspecto da salvação como transformação adquire substancial relevância, se forem considerados o contexto latino-americano opressivo de exclusão social e de sofrimento e as

28 Cf. indiquei anteriormente em RIBEIRO, A mística e o incondicional, p. 9.

29 Cf. TILICH, *Teologia sistemática*, p. 381.

30 Juan L. SEGUNDO, *Que mundo? Que homem? Que Deus?* Aproximações entre ciência, filosofia e teologia, p. 528; *ibid.*, p. 529: “Pelo contrário, se esquecemos nossa responsabilidade de criar um mundo que foi entregue (parcialmente) em nossas mãos ‘artesanais’, e preferimos esquecer nossa *responsabilidade* criadora para contabilizar nossos méritos diante de Deus, por mais que cumpramos todos os preceitos de todos os decálogos, estaremos pecando. Porque não fomos criados para isso. E se, apesar de tudo, a isso pretendêramos chegar, estaríamos - como também disse Paulo - falhando para com a intenção criadora de Deus a nosso respeito, estaríamos deixando sua criação condenada à inutilidade.”

31 Cf. TILICH, *Teologia sistemática*, p. 380-83.

intuições presentes em todo o processo de elaboração da teologia da libertação. O ser humano não está simplesmente determinado pela bondade essencial ou pela alienação existencial. Ele encontra-se determinado pelas ambigüidades da vida e da história.

Analisar e compreender este quadro complexo da existência humana, assim como extrair todas as conseqüências dele, permite que as reflexões presentes deixem de ser abstratas. Ao mesmo tempo, Cristo não é um evento histórico isolado, mas um poder que precede sua própria manifestação histórica e atualiza-se como o Cristo no desenrolar da História. A antropologia teológica e a teologia da história são, portanto, instrumentos fundamentais nas reflexões sobre a salvação humana.

Conclusão

A teologia das religiões tem se desenvolvido consideravelmente e a interlocução de Paul Tillich oferece substanciais contribuições. A valorização da história das religiões, a elaboração teológica que pressupõe uma revelação universal de Deus nas mais diversas experiências religiosas, a necessidade de crítica - seja mística, profética ou secular - à dimensão sacramental da religião, inclusive o Cristianismo, são algumas das indicações relevantes.

A compreensão do caráter paradoxal do Cristianismo, que se origina na visão igualmente paradoxal de que a "Palavra se fez carne", intensifica-se na tensão entre a sua realização histórica e a autoconcepção como religião da revelação final. As conseqüências teológicas e pastorais desta perspectiva são, contudo, as mais diversas e instigantes.

No que tange ao diálogo inter-religioso, um critério básico e fundamental é a consideração de uma preocupação última e suprema em todas as religiões, advinda de uma presença espiritual do Santo na vida humana. Este, por suposto, sob o crivo da crítica, aprofunda e abre maiores possibilidades de diálogo.

Do leque considerável de debates e de diálogo, está o intra-ecclesial. Afirmar Jesus, o Cristo, como critério de salvação do ser humano, por um lado, e a impossibilidade de auto-salvação por parte deste ser humano, por outro, constitui tarefa teológica fundamental para os dias de hoje. A vivência das comunidades cristãs,

tanto aquelas reunidas sob representações eclesiásticas como outras de caráter ecumênico ou mergulhadas na dispersão e na diáspora que têm caracterizado o final desse milênio, poderá ser alimentada de sentido e de referencial teológico com tais afirmações.

A primeira afirmação não reforça perspectivas absolutistas, embora baseada na revelação divina em Jesus Cristo, uma vez que se situa em uma visão histórica, universal e portadora de sentido. A segunda, que se refere à impossibilidade de auto-salvação humana, parece iluminar temáticas destacadas da conjuntura teológico-pastoral como a que, usualmente, têm-se denominado por “Novos Movimentos Religiosos”, o que inclui os movimentos pentecostais e carismáticos, e também as expressões filosófico-religiosas em torno da “Nova Era”.

O caráter salvífico de Cristo, tal como foi descrito, possibilita formulações e vivências de fé mais espontâneas e ao mesmo tempo profundas e compromissadas social e comunitariamente. Ao mesmo tempo, o caráter dialogal presente em todas as perspectivas teológicas apresentadas impõe-se como conteúdo teológico e como desafio metodológico para a atualidade.

Referências bibliográficas

- ANJOS, Marcio Fabri dos. (org.) *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Soter/Loyola, 1996.
- ASSMANN, Hugo. Teologia da solidariedade e da cidadania. *Notas*, v. 1, n. 2, 1994.
- BRAATEN, Carl. Paul Tillich e a tradição cristã. In: TILICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX* São Paulo: ASTE, 1986.
- COMBLIN, José. O debate atual sobre o universalismo cristão. *Concilium*, n. 155, p. 74-83, 1980.
- DUPUIS, Jacques. O debate cristológico no contexto do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.) *Diálogo dos pássaros*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 75-88.
- GEFFRÉ, Claude. Paul Tillich and the future of interreligious ecumenism. In: BULMAN, Raymond F., PARRELA, Frederick J. (eds). *Paul Tillich: a new Catholic Assessment*. Collegeville, Minn.: The Liturgical Press, 1994.
- MARASCHIN, Jaci. A linguagem ontológico-existencialista de Tillich. *Estudos de Religião*, n.10, jul. 1995.
- MIRANDA, Mário de França. O encontro das religiões. *Perspectiva teológica*, v. 26, n. 68, P. 9-260, jan./abr. 1994.

- _____. A configuração do Cristianismo num contexto pluri-religioso. *Perspectiva teológica*, v. 26, n. 70, p. 373-87, set-dez. 1994.
- _____. Diálogo inter-religioso e fé cristã. *Perspectiva teológica*, v. 29, n. 77, p. 33-54, jan./abr. 1997.
- MOREIRA, Alberto, ZICMAN, Renée. (orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Paul Tillich e a Teologia Latino-americana. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 54, n. 216, p. 914-25, dez. 1994.
- _____. Fé cristã e salvação: primeiras reflexões. *Revista Teologia e Cultura*, v. 4, n. 3-4, p. 207-14, p. 1997-1998.
- _____. A mística e o Incondicional. *Contexto Pastoral*, v. 5, n. 28, set./out. 1995.
- _____. Teologia e ciências: uma aproximação entre a produção teológica latino-americana e a de Paul Tillich. *Impulso*, v. 8, n. 17, p. 35-49, 1995.
- _____. O conceito de "comunidade espiritual" de Paul Tillich e a renovação eclesial latino-americana. *Revista de Cultura Teológica*, v. 4, n. 15, p. 121-26, abr./jun. 1996.
- _____. Para repensar a prática das igrejas: uma contribuição sistemática de Paul Tillich. *Fragments de Cultura*, v. 6, n. 17, p. 38-48, maio 1996.
- SEGUNDO, Juan L. *Que mundo? Que homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- SUNG, Jung Mo. *Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. (org.) *Diálogo de pássaros nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 75-88.
- _____. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- TILlich, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1984.
- _____. *The future of religions*. New York: Harper&Row, 1966.
- W. AA. *Interfaces do sagrado: em véspera de milênio*. São Paulo: PUC/Olho D'água, 1996.
- _____. *Novos paradigmas*. São Bernardo do Campo: IEPG, 1995.

Claudio de Oliveira Ribeiro
R. Emília Nunes Costa, 282/202 - Centro
Duque de Caxias - RJ
25010-210
claumaga@alternex.com.br